

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE LISBOA
OFERTA 31 JAN 1901



M

25263

O THALASSA

LISBOA, 6 DE MARÇO DE 1913

R.51

NO SEIO DA "FRATERNIDADE,, TRIUMPHANTE...



São *elles* que me obrigam a apparecer...

O THALASSA

Embora peze ao illustre ministro da marinha que n'um mimoso discurso pronunciado ha dias no quartel dos marinheiros declarou ser necessario que desapareça da lingua portugueza a palavra *thalassa*, nós aqui estamos, não como um desafio, mas como uma necessidade.

Necessidade sim, porque a vida são dois dias e não vale a pena passar esses rapidos momentos, carpindo só tristezas.

Bem avariado se encontra o figado nacional — como de resto todas as outras miudezas — e por isso parece-nos de bom patriotismo e bem assisada therapeutica amnissal'o com um pouco de Gerez humoristico. E' essa a nossa missão, esse é o nosso fim.

Não vimos desafiar; vimos apenas registrar os variados aspectos comicos d'este funeral alegre que tem tanto de macabro como de ridiculo. E, arredando por completo das nossas paginas toda a critica que possa ferir a vida particular seja de quem for, limitar-nos-hemos a fixar os aspectos publicos dos personagens.

Tambem nas nossas columnas não terão guarida a obscenidade e o ultrage — casal que tem feito carreira e criação, n'esta fecunda terra, propicia á má semente.

Tentaremos fazer sorrir, se para mais não der a nossa habilidade e a modestia do nosso espirito. E' com este fito que nasce *O Thalassa*.

E agora resta-nos explicar o nosso titulo.

Porque se chama *Thalassa* este semanario? Porque não se poderia chamar d'outra maneira — como philosophicamente responderia o grande pensador Nónes, se lhe perguntassem porque se chama sol ao sol.

Thalassa é todo aquelle que não é correligionario do sr. Affonso Costa; e nós, mercê de Deus que nos formou de aspirações modestas nunca aspirámos, nem aspiraremos a tal culminancia. *Thalassa* é toda a pessoa que não faz *pum!* aos padres e não chama ladrões aos monarchicos, que não mimoseia com os epithetos de malandros e assassinos os *jasuitas* e não se incorpora nos cortejos do livre-pensamento; que não bebe os soluços gazozos da oratoria fluente do sr. Estevão e não tem quota mensal do Centro de S. Domingos; que não vira as costas ás egrejas e não dá vivas ao sr. Bernardino; que não é inquilino das manifestações do largo das Duas Egrejas ou senhorio subscriptor dos banquetes ao chefe dos democraticos; que não é adhesivo ou consolador do cavallo marinho ao som da *Portugueza*; que não cospe nas crenças: que não frequenta as Ligas das Sr.^{as} Veledas; que não beija o sr. Brito; que não abraça o sr. Antonio José; que não louva o sr. Ferreira do Amaral; que se não acocora deante do sr. Borges. *Thalassas* são finalmente . . . quatro milhões e meio de estupidos portuguezes a quem o aváro destino vedou d'entrar no meio milhão restante de entes superiormente preveligiados e luminosos . . .

Nós por exclusão das qualidades apontadas indispensaveis para pertencer aos segundos, estamos nos insignificantes do primeiro grupo, e portanto este semanario — nosso filho querido — que hoje pela pri-

meira vez vê a luz do dia, não podia receber outro nome baptismal.

Assim como n'outros tempos o *Antonio Maria* foi a Regeneração, o Fontes, o Avila e o seu *cache-nez*, o Sampaio e os seus pamphletos, o Arrobas, o Passeio Publico, mundo findo, mundo morto. *O Thalassa* será, aparte a desproporção no valor do immortal Raphael Bordallo Pinheiro e do nosso, o sr. Affonso Costa e o seu liberalismo, o sr. Brito Camacho e as suas subtilizas politicas, o sr. Antonio José e o seu lyrismo lunatico o sr. Nónes e a sua trascendente philosophia metaphisica, o sr. Estevão e os seus arrancos tribunicios, o sr. Faustino e as suas fezes fradescas e tantas outras manifestações superiores do progresso da especie humana. Será enfim o mundo d'hoje, o mundo vivo, onde toda esta sociedade se debate com uma grande dose de inconsciencia, de cobardia e de mau cheiro de bocca.

E aqui está a nossa razão de ser, apresentação e programma que esperamos não ter que alterar, por qualquer motivo imprevisito.

À IMPRENSA

O Thalassa, como o mais novo de todos os juízes do Sagrado Tribunal da Imprensa (que Deus nos perdôe a blasphemia) cumprimenta todos os seus collegas do paiz e saúda em particular o seu brilhante camarada *Ridiculos*. Não significa esta excepção nas cortezias qualquer desprimor para os restantes, mas sim o desejo de affirmarmos ao semanario de *Caracoles* que o *Thalassa* não pretende ser um rival, mas unicamente um companheiro amigo, do mesmo officio.

BOA PROSA

Depois do pão, a educação é a primeira necessidade dum povo. — DANTON.

Depois dos redactores, as assignaturas são a primeira necessidade d'um jornal. — THALASSA.

O primeiro numero d'um jornal é um passo tão grave, como o avanço solemne d'uma menina, para o hymineu conjugal, porque se esta vae tremula e hesitante ligar a sua existencia ao adonis dos seus sonhos (ou dos sonhos do seu papá), ficando com a sua felicidade dependente da constancia do esposo, o semanario, atirado pela primeira vez á publicidade, está dependente da sorte que lhe reserva o cavalheiro em cujos braços se vae lançar — o publico.

Despensar-nos-ha elle os copiosos afagos das suas assignaturas?

E' o que vamos ver.

Como menino bem educado que se presa de ser, *O Thalassa* visita com este seu primeiro numero, diversas pessoas do seu conhecimento, a fim de lhes participar a sua vinda a este mundo. E considerará como assignantes, com direito a relações intimas, de ser recebido semanalmente, todos os que não devolvam o numero 1.^o do *Thalassa* para o nosso escriptorio.

Fica assim combinado, não é verdade?

E combinado fica tambem mandarem-nos os nossos leitores amaveis, muitos nomes de pessoas para assignar *O Thalassa*, (um simples bilhete postal de 10 reis reacionarios ou de 1 centavo liberal faz o sympathico recado), e por este gesto de suprema grandeza será conferido, ao benemerito — a Grã-Cruz do nosso muito reconhecimento.

Como vêem é um ovo por um milavo!

Grande Alfayeria Nacional

DOS
VIRA-CASACAS

Largo de S. Domingos — Rua do Calhariz — Rua Garrett

Viram-se casacas de todas as qualidades e feitos, transformando-as, por mais ominosas que sejam, nas ultimas creações luminosas, como se vê pelo figurino junto.

PERFEIÇÃO E RAPIDEZ GARANTIDAS

Tambem se engomam calças que tenham as joelheiras coçadas por terem andado de rastos nos Paços Reaes e nos gabinetes dos antigos ministros, ficando como novas.

LIMPA-SE TODA A QUALIDADE DE NODOAS, D'UM DIA PARA OUTRO

Esplendidas flanelas democraticas com muito pello, para sobretudos d'abafar syndicancias.

Optimas cachemiras unionistas, sem rival, para fatos completos das legações estrangeiras.

Magnificos cheviotes evolucionistas para aviadores e outros passaros humanos de grandes vôos.

Todas as secções d'esta Alfayeria estão confiadas aos mais habéis talhadores do paiz

PREÇOS CONVENCIONAES

Previne-se os Ex.^{mas} freguezes que nunca usassem casacas, que tambem se viram jalecas ou outro qualquer artigo de vestuario, fingindo-se todas as fazendas para verde e encarnado (tres tons) com exito seguro.

SERVIÇO PERMANENTE



... Ora *intão sôr* juiz, vamos lá a *inzaminar* esses processos, a ver se estão nas condições *juridricas* ...

APRENDENDO

O governo não tem que pagar cinco reis de indemnisação por causa das congregações religiosas.

Assim o declarou com aquelle solemne mau humor que lhe é peculiar o sr. Afonso Costa, nosso amo e senhor, um dia destes no parlamento.

Era tudo portanto treta quanto para ahi se dizia a tal respeito.

O que teem andado então a cochichar os ministros estrangeiros com o chefe do governo?

Só elles o sabem. Mas tudo leva a suppôr que tenham andado a aprender a arte de bem governar os povos pelo *methodo affonsista*, que é uma especie de Berlitz politico.

Ah! se conseguissem que o doutor fosse dar umas lições praticas lá para as terrinhas d'elles! Era uma honra para a republica, uma alegria para o sr. Antonio José e uma folgasinha para o paiz.

Mas isso vae elle!

ESTÁ DOIDO

Um cidadão de Leiria queixou-se ha dias n'um jornal que os *libraes* lá da terra o não deixam ir á missa, fazendo-lhe uma grande assoada e ameaçando-o quando o vêem dirigir-se para a igreja. E o homemsinho afflicto lamenta a sua sorte.

Pois vá-se lamentando se isso lhe dá prazer, mas dê graças ao Supremo Architheto por ainda não estar na penitenciarria que é a pena correspondente a tão nefando crime.

Ir á missa?! Ora o desaforo! Agora só se vae á Imprensa Nacional do Sr. Derouet ou ao Grande Oriente do sr. Barreto.

Tontinho!

SEM SE SENTIR

O sr. Rodrigo Rodrigues que veiu da Penitencia-ria para o Ministerio do Interior, mas que ainda ha-de para lá voltar se Deus quiser, é um cidadão muito divertido.

Uma das ultimas piadas bôas de S. Ex.^a foi aquella de dizer que se Christo, hoje existisse, devia ser preso como vadio.

Disse isto e ficou muito contente como sempre acontece a quem não sabe o que diz.

Não tem portanto o sr. Rodrigo responsabilidade de maior no dislate que o seu cerebro expeliu por necessidade de evacuação intellectual.

Beba Carabaña, cidadão, beba Carabaña que isso deve ser falta de limpeza na mioleira.

A OPPORTUNIDADE

O sr. Affonso Costa disse que só propunha a amnistia para os delictos politicos depois de se terem effectuado todos os julgamentos e findos estes, quando a oppor-tunidade aconselhasse esse acto.

De igual parecer é tambem o sr. Brito Camacho. E' preciso por tanto, para que a amnistia seja um facto: 1.º que todos os accusados politicos sejam julgados; 2.º que os luminosos bestuntos de S.^{as} Ex.^{as} julguem, ter chegado essa oppor-tunidade.

Como vêem, tudo depende de diversos e variados julgamentos. Ora se os dos tribunaes, a avaliar pela celeridade conhecida e pelo numero de arguidos que estão esperando a vez de receberem o pão de ló de fraternidade, devem levar ahí uns dez annos, mais mez, menos mez, o segundo (julgar o bestunto de S. Ex.^a a tal oppor-tunidade) pelo menos não se dará antes... de ser inaugurada a ponte sobre o Tejo!

O que, enfim, sempre será uma consolação para os netos dos prisioneiros politicos que reconhecidamente poderão dizer um dia:

— Que bons que elles são! Se o meu avô ainda fosse vivo era hoje amnistiado!

EFFEITOS D'UM CASAMENTO

Era uma vez um menino e uma menina que andavam na mesma escola,



mas não se davam bem, beliscando-se ás escondidas.



Quando acabaram o curso cada um foi viver com a sua familia.



O menino era muito ambicioso e queria figurar na sociedade, mas o que tinha não lhe chegava para se manter n'uma certa posição, e a menina, cheia de vaidade, queria casar para ser dona de casa.

Então o menino começou a arrastar a aza à menina, por causa das suas economias, e a menina deu sorte ao menino por causa da sua posição,



continuando, porém, a detestarem-se como no tempo da escola.

Um dia resolveram casar-se com separação de bens, e apesar de nunca se verem, sem que se beliscassem, n'uma bella tarde, nasceu um monstrosinho com oito cabeças.



O que fez dar uma grande sorte a um antigo namorado da menina, que pensava que tal união resultaria esteril...



NORTADAS

O vento do norte que tudo fustiga,
Impede que siga qualquer, descuidado.
Em todo o paiz, na rua, na praça,
Quem não for *thalassa* será derrubado.
Cuidado *meninos da Fraternidade!*

Que as nossas *nortadas*...
São rijas, vibradas
Por, toda a cidade!

Leitor's amiguinhos! Cá estou! Não morri!
Sabei que isto aqui é *norte* que racha!
E' *norte* que fere, que fura, que róe!
E' *norte* que dóe, é *norte* d'escacha!
Por hoje as *Nortadas* não passam de aviso,

Por isso, oh, Camachos!
Almeidas e 'Scalrachos!
Juizo! Juizo!

Vermelho logista, a pròa baixae!
Dos ricos clientes contaes com 'ausencia;
O ouro é a rôdo... e tu não precisas...
Apenas deslisaes p'r'á tua falencia!
Portanto, oh velhinho!, Adeus dize ás *massas*?

Que são das *canastras*!
Mas oh que *canastras*!
Canastras thalassas!

E' novo este mundo! As leis novas são!
Impera a *Razão* e a *Luz* do progresso...
O Christo esquecido, não morre outra vez,
Mas vendo a ruzedez do povo no excesso
Já grita *oh da guarda!* Já reza o responso!

E' grande o seu pranto:
Perdeu muito santo,
E não perde o Affonso!!

D. Pengreniellas

Exploração científica



Nonés, *O Grande*... procura os *infinitamente pequenos*...

JORNALISTAS INGLEZES EM LISBOA

(NOTAS DA VIAGEM)

O jornalista chegou, desembarcou e perguntou:

- O que ser estas papinhas sobre que vamos andar?
- São as economias que a Camara ao povo quíz offertar.
- E aquelle panella grande com muito fumo a deitar?
- E' um tacho manuelino que está a torre a defumar.
- Dizer-me agora mais, quem é aquelle luminar?
- E' o sr. Affonso Costa que está o resto acabar.
- E aquelle outro rolicinho, que voe de pança, a bailar?
- E' o senador Estevão, rocha firme a espernear.
- E esse com ar tristonho, e de pera a branquear?
- O chefe evolucionista que está na lua a morar.
- Oh! e aquelle shoking senhora, que estar cabeça a coçar?
- E' o sr. Brito Camacho que anda o partido a formar.
- E esse outro, que está ali, muito tezo, a discursar?
- O grande Nónes da Matta, producto d'um baixa mar.
- P'rá esquerda estar vendo agora um negrito a passear?
- Chama-se Henrique de Vasconcellos e por branco quer passar.
- E aquelle louro, muito alto com o seu habito tallar?
- E' um padre estrangeiro que está verde... para separar!



- Mas ir um outro encolhido e muito depressa a andar?
- Porque esse é portuguez e tem que as costellas guardar.
- E as prisões que cheias estão! São gente d'assassinár?
- Não, senhor, esses estão soltos. São suspeitos de conspirar.
- E aquelle cortejo civico com uma musica a tocar?
- E' uma homenagem aos regicidas para o mundo apreciar.
- E o que ser aquelle gazeta que ali estão apregoar?
- Sêr... sêr...
- O yess, comprehendo. Ser para nós aliviar...

THEATROS

Nacional — Está em scena n'este theatro a *Marcha Napcial*, peça em 4 actos de Bataille.

E' das melhores coisas que ultimamente ali temos visto, e a confirmar a nossa opinião está o agrado que o publico lhe tem dispensado. A *Marcha Napcial* é o que se chama uma peça chic e no seu desempenho Palmira Torres mostrou ser uma artista de primeira grandeza. Pena é que mais uma vez se demonstre que para o nosso theatro Nacional conseguir ter uma peça no cartaz durante algum tempo essa peça tenha que ser... tradução!

Republica — N'esta casa de espectaculos do sr. visconde está agora a companhia hespanhola de Rosario Pino. Vem dar uma duzia de recitas como é da praxe de todas as companhias com marca *celebre*. E digamos com justiça que a marca é merecida... até certo ponto!

Trindade — Continua a *Dama Roxa*. Boa musica, entrecho interessante, e guarda-roupa luxuoso. Tem agradado como de resto tem acontecido a quasi todas as operetas allemãs que avadiram a scena portugueza. Palmira o encanto de sempre; Gomes interpretando esplendidamente o seu papel japonez; Auzenda... De Auzenda não dizemos nada por causa do *lord*. Não nos conformamos que tivesse casado com elle. Então que querem, o ciume nunca foi imortal!...

Gymnasio — Depois da *Menina do Chocolate*, o *Principe Herdeiro* continua a encher a sala de aclamações e os bolsos dos empresarios de *reis thalassas* e de *escudos republicanos*! Sua Alteza tambem é *tradução*zinha, mas que se lhe ha-de fazer se o talento dramatico nacional escreve-se todo pelos salões da *Brazileira*! Todo não, manda a verdade que se diga, porque brevemente vamos ali ter coisa portuguesissima da costa embora o seu auctor não seja

partidario do sr. Affonso Costa. E até lá, todas as noites o *Principe Herdeiro* dará recepção, recebendo os justos applausos a que tem direito.

Avenida — *Alerta*... está! Está e estará, porque o nosso publico em apinhando uma *revistinha* com piadas politicas temperadas com bastante sal e pimenta não a larga. E o *Alerta*... está nas condições.

A *Angela* ainda lá continua apezar de já ter estado por tres vezes para ir para o *Estóle* e outras tres por se fixar definitivamente... uma semana, no Nacional.

Apollo — O sr. Ruas acertou com o *Sonho Dourado*. Parece-me que não haverá ninguem em Lisboa que não tenha já ido vêr a peça. Estamos portanto n'uma phase infantil muito melindrosa e digna de respeito, e assim continuaremos porque a peça se Deus quizer ha-de chegar ás quinhentas representações.

Colyseu dos Recreios — Companhia italiana de operetta. Muito regular e absolutamente impossivel de se exigir mais pelo preço. O sr. commendador Santos é um benemerito dos bolsos pelintras. Seria portanto ingratitude se não prestassemos os merecidos louvores aos seus constantes esforços de bem servir o publico. No proximo sabbado d'alleluia, *opera*. Bastaria este accepe (de que todos andamos esfaimados) para Antonio Santos ter direito a um pedestal...

ANIMATOGRAPHOS

Os melhores, mais chics e de melhores fitas

Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso.

Olympia — Rua dos Condes.

Trindade — Rua da Trindade.

Central — Avenida da Liberdade.



Quem nos avisa, nosso amigo é...

